

EX LIBRIS



BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

PEREGRINAS

POESIAS

DE

Octaviano Hudson

(FLUMINENSE)



RIO DE JANEIRO

Typ. da — GAZETA JURIDICA — rua do Carmo n. 30

—
1874

PROLOGO

A sociedade moderna cansada das lutas inglorias de uma politica sem crenças, e das estereis discussões de uma philosophia sem principios, volta-se tristemente para a poesia. Eis o segredo dessa transformação social de que fallam quazi todos os escriptores de nossos dias. O mundo regenera-se, e essa regeneração é o que outros chamam progresso.

As muzas preludiam ás vezes o que hão de mais tarde consignar os legisladores nos codigos.

Admiram-se os espiritos positivos da superabundancia de obras poeticas que nos ultimos tempos têm apparecido no imperio; magôam-se muitos, lamentando, talvez, que a penna que se emprega em escrever sonetos e madrigaes não se adestrasse em compôr mais serios trabalhos... por exemplo: libellos difamatorios, correspondencias fastidiosas e machiavelicos arrazoados. Entretanto, se despissem a maior parte das producções litterarias de suas prolixas exterioridades e abuzos de fórma, encontrariam no fundo muitas nobres idéas e elevados sentimentos. Está neste caso o livro que hoje apparece á luz da publicidade, as — PEREGRINAS — de Octaviano Hudson.

Não sabemos escrever juizos criticos, nem nos atrevemos a devassar a sciencia privilegiada dos recipros turiferarios da imprensa brasileira, comtudo como escriptor, o infimo entre os infimos, se tivessesmos de estudar a materia, tomaríamos por modelo a —Pena de Talião — do saudosissimo Elmano. Seria o melhor meio de respondermos aos zoilos da epocha, verdadeiras trichinas das letras.

Procurou-nos em nosso retiro o author das — PEREGRINAS —, deu-nos, a ler o seu livro, tivemos occasião de pensar nessa multidão de moços intelligentes e desfavorecidos da fortuna que por ahi definham á mingoa de animação, atrophiados pelo bafo empestado dos sabichões da rua do Ouvidor, novelleiros de gandaia, fabricantes de mantas de retalho, que não poupam nem os farrapos de Homero, nem as casacas uzadas de Musset ou Lamartine, Byron ou Victor Hugo. Preparadores de ollas podridas litterarias, vivem esses nas grimpas da fama, como diz o vulgo.

Examinamos as — PEREGRINAS — e escrevemos estas linhas.

Octaviano Hudson, o homem do povo, o poeta dos operarios, aprendeu aos dezeseis annos de idade, a arte typographica na casa dos Srs. Soares & Comp., á rua da Alfandega; passou dahi para as officinas do *Diario do Rio de Janeiro* de que era redactor e proprietario o Sr. conselheiro Alencar. Sahindo do *Diario do Rio de Janeiro*, tomou a administração da extincta empreza do periodico — *Cidadao* —, á rua de S. José, —d'onde no fim de um anno partio para Petropolis e trabalhou gratuitamente na composição e paginação do — *Parahyba* — jornal do Sr. Zaluar, e do finado Ramigio de Senna Pereira. De Petropolis foi Octaviano Hudson para a provincia do Espirito Santo montar a typographia do — *Mercantil*. — Sempre infeliz, illudido sempre, volveu do Espirito Santo, trazendo por unica recompensa de seus labores, como philoso-

phicamente o diz.... um feixe de canas. Empunhou os componedores da *Nova Phase*, de Angra dos Reis, onde tambem foi redactor de um periodico litterario, dedicão ás senhoras, denominado— *Beija-Flôr*— da *Republica*, *Correio do Brasil* e *Diario do Povo*, typographia hoje occupada pela *Reforma*, e finalmente do *Diario de Noticias*, onde muitos artigos escreveu em defeza dos operarios.

Exaltado embora em suas idéas politicas, franco ao excesso, descuidoso de si, a ponto de entregar o ultimo obolo ao primeiro mendigo que encontrar, tudo poderão os bufarinheiros das reputações alheias lançar em rosto ao author das — PEREGRINAS — menos a ociosidade. Seus defeitos são manifestações de seu temperamento, de sua compleição. Quantos altos personagens seriam apupados pelas ruas se lhes não salvasse a riqueza ou o poder? Na Grecia antiga, na Allemanha de João Paulo Richter, Hudson, com seus cabellos á nazarena, seus modos bocagianos, sua indiferença pelas parvoices mundanas, seria considerado um philosopho, um poeta do povo, no Brasil é um Marat ou um Gouchon !

Os cantos de Octaviano Hudson são pela maior parte lyricos. Nesse lyrismo, porém, descobrimos duas tendencias : a primeira, a da poesia vaga, indeterminada, a do sentimento que falla e se expande sem alvo, sem ponto fixo ; a segunda, é a inspiração de Petrarca e de Gonzaga, é a — lyra propriamente dita — o constante louvor a um ente real ou ideal que o poeta chamou Celina. Entre as notas melodiosas dos hymnos de esperança, de amor ou de saudade, resta, é verdade, uma nota mais áspera ás vezes, dir-se-hia um grito de indignação, o silvar de uma setta hervada; não importa, — são notas destacadas, — o fundo, a essencia, a fórma ou o estylo da composição são lyricos. Por haver escripto odes, celebrado heróes e memoraveis acontecimentos, ninguem ainda classificou

Victor Hugo de poeta épico. A poesia épica, é especialissima, é propria de certas organizações.

Ha uma coisa notavel nas — PEREGRINAS —, Hudson tem soffrido e tocado de perto a realidade amarga da vida; entretanto a descrença, o tédio e o scepticismo não lhe desafinam a voz, pelo contrario, depois de uma exclamação impaciente, de uma imprecação mesmo, o poeta sacode a fronte, e parece voltar arrependido os olhos supplicantes para a divina esperança, a deusa que nunca nos abandona. O iambo ácrebo e pungente transforma-se em um cántico de resignação. Senão, vejamos as — *Trevas e Luz.* — Escrita em strophes regulares, como as odes de Diniz, Garção, e Tolentino, tem este trabalho um tom de energia que sorpreheende. Seria para desejar que o poeta fosse mais parco de alluzões politicas, principalmente quando se dirige á graciosa Muza São Joanense.

Deus nos livre de entrar em analyses de pedagogo, e de invocar as fastidiosas regras de construcção grammatical, quando tratamos de escriptos onde o espirito é tudo. Não deixaremos, porém, de observar que, se no meio de versos perfeitamente escandidos apparece alguma asperesa, ou falta, de que só a longa pratica de escrever nos preserva, é este o primeiro volume impresso do author. Continuemos, pois, a enumeração a que nos propomos, das composições que mais avultam.

O *Alcaçar* — trabalho de rythmo, entremeado de versos exdruxulos e graves, é uma peça delicada onde ao lado da suavidade da discripção, desenvolve-se artisticamente a difficuldade da disposição dos vocabulos. E' uma pintura. O genio a quem foi dedicada saberá apreciar-lhe o colorido. Esta noticia vae junto da obra: é superfluo fazer citações. — *Amor que mata,* — *Vesper,* — *Crença e Descrença,* — *Adeus,* — *O Marco da Saudade,* — são cantos elegiacos; a lin-

goagem, a escolha dos epithetos, o rythmo plangente convida o espirito a melancolicas scismas. O mesmo não diremos das estrophes — *Consolação* — apezar da epigraphie. O tom desta poesia tem alguma cousa de acerbo que não se compadece com o sentimento christão. A morte sanctifica o passado. No mesmo caso está — *Jovita* — embora seja atenuado o pensamento por uma tardia commiseração. As outras producções elegiacas estão comprehendidas na segunda classificação que acima fizemos dos versos lyricos das — PEREGRINAS —, aquelles em que se destaca o nome de Celina. — *Redempção* — é uma idéa original, coada em forte metrificacão, encerra vivas imagens e energeticos toques descriptivos; finalisa agradavelmente o epilogo desse pequeno poema, sorprehende, e de certo modo suavisa o colorido sombrio do começo. Devera ser mais longo, o assumpto prestava-se a mais amplos quadros. O author poderá mais tarde estender este trábhalho.

Não nos detemos nas poesias lyricas, porque já fizemos ver a distincão dos modos pelos quaes as apresentou o poeta. Uma questão de alguma importancia agora se apresenta. Podemos intitular épicas as estrophes a — *Ozorío* e — *General Camara*? Cremos que não. — A poesia lyrica tambem se occupa com os heróes, muitas odes de Pindaro e Horacio, e modernamente de André Chenier, De Lavigne, Lamartine e outros, são verdadeiros tributos de admiração aos grandes homens e ás grandes acções, falta-lhes porém a disposicão classica, a divisão das diversas partes obrigadas, a harmonia geral, a synthese que constitue a essencia da epopéa. Serão cantos heroicos de musa pedestre.

Este livro offerecido á CLASSE ACADEMICA e á LIGA OPERARIA vae correr pelas mãos de moços intelligentes e esperançosos. Honra seja feita aos estudantes brasileiros, nunca se afanaram em abafar as-

pirações, nem escurêcerem bellezas fazendo convergir toda a luz para os defeitos de uma obra qualquer. Não fazemos a apologia de Octaviano Hudson, tem bastante criterio para saber que não póde em seu primeiro trabalho apresentar uma producção magistral, porém podemos affirmar que o segundo volume que publicar, filho da reflexão e do acurado estudo, satisfará aos leitores. Merece, pois, toda a condescendencia da mocidade amiga das lettras, e que não é injusta para negar o merecimento que está espalhado por varias partes da collecção intitulada — PEREGRINAS.

L. A. Fagundes Varella.



Amigo e Sr. Octaviano Hudson.

Li as suas poesias, sob a denominação de PEREGRINAS.

Como posso eu justificar a resolução que o levou a constituir-me juiz, quando o meu unico titulo é a muita admiração pelo seu maravilhoso talento, que o communica constantemente com os seres dos mundos visiveis e invisiveis ?

Deos permite a poucos o descobrir, em uma linguagem divina, algumas das analogias universaes que só Elle possui.

Eis porque outr'ora, e por toda a parte, os poetas eram vistos como homens divinos ; hoje o são como insensatos ou pelo menos inuteis !

O seculo, porém, é logico.

Resolve-se em algarismos, em dinheiro, em voluptuosidades physicas, e, por isso, despreza esses seres, que não conservam senão o culto do bello moral, a idéa de Deos, e essa lingua das imagens e das relações mysteriosas.

Não desanime.

No meio do destroço actual das cousas santas, ainda restam certos fragmentos que, reunidos e aproveitados, dão um grande edificio.

Ainda ha muito quem admire essas glorificações sublimes, esses cantos de um'alma, no meio dos astros,

das ondas, dos cimos das montanhas, no meio de todos os encantos e de todos os perigos do dia e da noite, no meio do amor e da oração !

Acaricie sempre e assim docemente o nosso espirito com essa preciosa linguagem, que seja como o echo do que se lhe reflecte no interior do pensamento e dos sentidos pela imagem e pela infinita criação de Deos.

Mas, conserve-se ahi poeta e artista, nessa grande e unica scena de contemplação, com a vista sempre mergulhada n'esses pontos, imperceptiveis para muitos, da natureza e do universo.

Fuja da politica como de seu maior inimigo ! Não se incline sobre os precipicios della : é perfida ; não tem de vivo senão o seu odio frio para as cousas d'alma.

No meio da disputa e do orgulho, o sopro de Deos e as alegrias e as dôres que consolam, extinguem-se !

E' um mar cujo leito medonho e traidor não deixa dezenhar o fundo azul e purpurino do céu !

Não se desloque, pois ; e continue a escrever versos como os que li, que o futuro lhe dará o respeito ao seu lyrismo.

Concluo dizendo-lhe que, se em alguma cousa lhe posso ser util, dê-me os seus versos que os farei imprimir.

Carlos Frederico Marques Perdigão.

Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1874.

A'S LIGAS OPERARIA E ACADEMICA

OFFERECE

Octaviano Hudson.

ALCAÇAR



Meu PEDRO AMERICO :
 O camarim da minha Consuelo
 E' um mimo seraphico ;
 Quanto ha de faceiro e de singelo,
 Primoroso e artistico,
 Celina alli dispoz com tal cuidado
 E posição symetrica
 Que bem revela o seu talento amado.

* * *

Bordadinho e diaphano,
 Pende do sobre-céo todo azulado,
 Velando o leito flórido,
 Tão alvo como neve o cortinado.
 Ahi dormita a perola
 De tanta inspiração e santo amor ;
 Quando á manhã levanta-se
 Dáquella concha d'esplendente albor
 E' de Venus a estatua ;
 E' fria, muda, triste e pensativa
 E timida retrahe-se
 Como a linda e mimosa sensitiva.
 No seu plúmaso flascido,
 De rendas brasileiras circundado,
 Ah ! quantas lagrymas
 Não têmão desses olhos resvalado ? !

* * *

Macio e sempre tépido
E' seu rico tapete alcatifado,
No qual quando ella veste-se
Descança o pé marfino e delicado !

* * *

Vidrinhos aromaticos
N'um lindo lavatorio original,
Entre flôres e passaros
Duplicam-se n'um espelho de chrystal.

* * *

Nas paredes exhibe-se
O gosto aprimorado de Celina :
Sylphos, dryades, nayades,
Uma cópia da bella Fornarina,
Bustos de Miguel Angelo.
Télas de Veroneso e Ticiano,
Lindos quadros a oleo,
Borboletas azues, flôres de panno,
E um barrete phrygio,
Flechas, zarabatanas e cócares,
Taes são os symbolos
Em que Celina embebe sets olhares !

* * *

O triste Silvio Pellico,
Lord Byron, Homero, Tassos, Dantes,
Eneidas e Luziadas,
Schiller, Goethe, Balzac, nas estantes
E outros livros classicos,
Attestam do talento cultivado,
O gosto litterario
Que o genio feminil ha revelado.

* * *

Ella nasceu na Italia,
Nessa orchestra de santas harmonias,
E como os grandes genios
Arrasta a cruz de lentas agonias.

* * *

Naquelle seio angelico
A nostalgia ergueu-se tormentosa !
« Só me lembro da Patria ! »
Me disse suspirando, lacrymosa !

* * *

Recorda-se de Napoles,
Onde em risonhos e festivos dias
Remontára o Vesuvio,
Ouvindo de Sorrento as harmonias.

* * *

Desse alcantil italico
Vio ainda os vestigios de Pompéa,
Sonhando o Capitolio
E bem defronte a lugubre Tarpéa !

* * *

Da vida as intemperies
Jamais curvaram sua fronte altiva,
Celina a martyre
E' do acerbo soffrer a imagem viva !

* * *

Tem saudades das gondolas
Que resvalam nas aguas de Veneza,
Falla-me do Adriatico
Chorando de paixão e *morbidezza* !

* * *


Rolam dos negros cilios
Ao plangente soar de Ave Maria
Nas faces melancolicas
Duas lagrymas de amor e nostalgia.

* * *

.
.

Dois annos deslizaram-se . . .
Por um fatal impulso conduzido
Entrando em seu sacrario
Fiquei de dôr intensa ahi tranzido !
Que funebre silencio ! . . .
Naquelle tão mimoso camarim
No chão rolando via-se :
Uma Venus de Milo de marfim,
Um capitel corynteo,
Bustos de Hugô, de Tasso e de Mazzini,
Versos de Shakspeare,
Musicas de Donizeti e de Bellini,
Pennas de côres várias,
E sobre o lavatorio empoeirado,
Murchos cravos e lyrios
Sobre um CHRISTO na cruz dilacerado !

Ai, sob um véo de lagrymas
Osculei de Celina o REDEMPTOR
Guardando n'alma turbida
Tanta recordação de ethereo amor !



AMOR QUE MATA

Si rejetant la coupe où l'on boit tant de fiel,
Les âmes qui s'aimaient se revoyaient au ciel!

(GUSTAVE DROUINEAU.)



Soam plangentes dobres funerariós,
Na solidão agreste ;
E' o chorar dos mestos, os felizes,
Que libertos das terras cicatrizes,
Gózam da luz celeste.

Ai, dá SENHOR, á alma saturada
De languida ternura
A bemdicta mansão da soledade,
Onde á sombra da pallida saudade
Repousa a creatura !

Morto só de emoções; morto de amor,
Morto de coração,
Porque viver cadaver entre os vivos
Se posso inda gozar effluvios divos
De mystica paixão ? !

Porquè correr apoz uma utopia,
Sem jamais repouzar ? !
Basta ! . Venha a mortalha do destino
Cobrir de luto o seio peregrino,
Morto de tanto amar !



AS CRENÇAS

A. D. LUIZA CLARA DE MORAES



« — Deixae-as vir a mim, o CHRISTO assim dizia,
 Das creanças beijando as fronte radiosas,
 « — Pertence á candidez dos lyrios e das rozas
 O reino de meu pae eterno de alegria !
 « — Deixae-as vir a mim », o CHRISTO assim dizia.

Deixae-as vir a mim, com toda a liberdade
 As creanças adoro humildes ou zangadas,
 As innoxias, tambem, estridulas rizadas
 Não ha nessa expansão os sulcos da maldade,
 Deixae-as vir a mim, com toda a liberdade !

Deixae-as vir a mim, eu amo as creancinhas,
 Nos folguedos gaxis, no lar silenciosas,
 E quando eu as contemplo insontes, descuidosas,
 Estudo-lhes da face as curvas e covinhas,
 Deixae-as vir a mim, eu amo as creancinhas !

Deixae-as vir a mim, — são luzes do porvir,
 Almas cheias de amor e aureas esperanças,
 Nos olhos divinaes de todas as creanças
 Ha mundos de candura e crenças a florir :
 Deixae-as vir a mim — são luses do porvir !



MEDITAÇÃO

Como aos beijos subtis da viração
 « Voa o pollen das flôres »
 Os mimosos estames desprezando
 Para ir nos pistillos derramando
 Aureas gemmas de amores ;

Como em suave pallido crepusculo
 Morre o sol no poente
 E á terra namorando um langue olhar
 A' noite lança Vesper a brilhar
 Dos seios do Oriente ;

Como ao cahir de matinal orvalho
 Aljofra-se a campina,
 De gotas reluzentes prateando
 As pennas de canóro, gazil bando
 Que sobre os galhos trina ;

Assim nesses teus olhos divinaes
 Brilham perólas de luz ;
 Podesse esta minh'alma peregrina,
 Lustrar-se nessa lympha chrystalina
 Que tanto amor produz !



L Y R A S

Bella Celina,
Tu vês o ninho
Que o passarinho
Entretecera
Na laranjeira ?
Que liberdade !
Que f'lecidade !
Ai se pudera
Gozar da mesma
Sina ditosa
Que Deos lhe dera !

Não têm as petlas
D'alva bonina
Como Celina
Tantos primores ;
Nem magnolias
E maravilhas, ;
Nem as baunilhas
E outras flôres
Não desenvolvem
Como seus labios
Gratos olores.

Flebil ondina
Quando desmaia
N'argentea praia
Reondulando
Não é mais bella

Que a dupla roza
Desabrochando
Desse teu seio
Que como o mar
Brilhantes per'las
Vive arrojando.

O firmamento
E a luz crastina,
Meiga Celina,
Não fulgem tanto
Como teus olhos
Abrazadores
E seductores
Quando de pranto
Lindos s'estrellam,
Tremeleando
Plenos d'encanto !

Qual Prometheu,
Preso ao rochedo,
Nesse degredo
Mortal e lento,
Tendo no peito
Medonho abutre
Assim se nutre
D'atro tormento,
Assim s'extorce
Sob a saudade
Meu pensamento.



LAMENTAÇÕES

OFFERECIDA AO TALENTOSO CULTOR DAS BELLAS LETTRAS PEDRO FARANI

Si je te revoyais après de longues annés d'absence
comment te saluerai-je ?

(BYRON.)

Quando, minha Celina, a viração do sul,
Em bella suspirando a immensidade azul.
E as nuvens esmaltadas do igneo poente
S'espelham nesse mar que corre mansamente,
Nos soluços da brisa, nas côres vaporosas,
Nas aguas aljofradas de perolas mimosas,
(Por nelles contemplar a tua bella imagem)
Rendo ás brisas, ao mar, ás nuvens homenagem!

Em tudo se reflecte a imagem de Celina
A nota mais saudosa dest'alma peregrina !

Nas alcyons que voam batidas do tufão,
No fuzilar dos raios em plena escuridão,
No canto do marujo ás vergas do navio,
Ou nesse dislizar d'um crystalino rio
Levando em suas aguas as folhas já fanadas
Das rozas purpurinas dos caules esfolhadas,
Nas notas suspirosas dos lindos passarinhos,
Contentes revoando em torno de seus ninhos,

Em tudo se reflecte a imagem de Celina
A nota mais saudosa dest'alma peregrina !

Nos relvosos tapetes d'esmeraldinos campos,
Nos rastros luminosos dos lindos pyrilampos,
Na phalena que vôa, nas auras perfumadas,
Na borboleta azul, nas flôres orvalhadas,

No farfalhar das folhas que alfombram a floresta,
Nos raios do luar, ou na estrella Vesta,
Nesse idyllo das aves, esplendido de amor
A natureza entôa um hymno ao Creador,

Emquanto eu infeliz, na lyra peregrina
Envio uma saudade — á divinal Celina.

Nas brumas fluctuantes, nos cálidos vapores,
Nas auras matutinas, nos flascidos olores,
No murmurio suave da lympha preguiçosa
Humectando ao passar a varzea setinosa,
No estrondar da pedra rolando pela fragoa,
No canto compassado da marrequinha d'agua,
No plangente sonir de triste — AVE MARIA
Minh'alma de saudade e de melancolia

Trava e canta chorando em honra de Celina
Um poema de amor, da lyra peregrina.



POBRE DE BENS

— Eu dera este mundo com tudo o que encerra
 Por esse condão :
 Thezouros, e glorias, os thronos da terra
 Que valem, que são ?

(SOARES DE PASSOS)

Não possuo, Celina, aureas berlindas,
 Nem palacios, nem ouro,
 Mas em compensação de tal pobreza
 Dotou-me a providente natureza
 De um maior thesouro !

De saudades, de amor e sentimento
 Profuso o seio tenho,
 Não rendo a bens terrenos nenhum preito,
 Carrego sem queixar-me e satisfeito
 O meu pesado lenho !

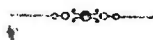
Não descanso, Celina, a triste fronte
 Sobre ricos brocaços ;
 Nem lauta quaes Lucullos trago a meza
 A custa de extorsão feita á pobreza
 A juros elevados !

Se parco é meu viver, se duro o leito
 Em que descanso a fronte
 Prelibo o nectar de emoções suaves,
 Ouço contente o cantico das aves
 Nas quebradas do monte !

Quem é dono como eu de taes riquezas
Não é mendigo, não ;
Seria um desgraçado se no ouro
Consistisse o ideal de seu thesouro,
A unica ambição !

Sou grande na pobreza que me cerca,
Maior que um potentado,
Possuo a linda cópia de Celina,
Que joia tem minh'alma peregrina,
Que thesouro avultado !

Opulento senhor fosse eu da terra
Sem o teu coração,
Essa riqueza immensa não faria,
Minha existencia alegre, nem daria
A paz desta mansão !



TREVAS E LUZ

A' LAUREADA POETISA BRASILEIRA

NARCIZA AMALIA

Après le genie ce qu'il a de plus semblable
a lui c'est de le connaitre et de l'admirer.

MME. DE STAEL.

La deuda.....

Que se debe a tu fama y a tu gloria,
Que es deuda general, no solo mia
Mas de qualquer ingenio peregrino
Que celebra lo digno de memoria.

GARCILASO.

Era dia na terra, dia em minh'alma,
Dia em meu coração ;
Dentre os bellos paineis que me cercavam
Dois soberbos perfis se desenhavam :
A Crença e a Razão !

Além... no meu passado luctulento
Destaca-se uma cruz,
A cujos pés meus olhos tenebrosos,
Ao contemplar do CHRISTO os lacrymosos,
Embebem-se de luz !

Sempre alegrias !... Emoções constantes !
Sempre raios do sol !
Sempre correndo atraz d'uma utopia,
Da MULHER IDEAL — Democracia,
Deste mundo pharol.

Oh ! bemdicta doutrina proclamada
 Dos montes do Thabor !
 Miragem do Universo — Liberdade
 Infiltras na infeliz humanidade :
 Crença, paz e amor !

De meus alegres cantos, de minh'alma
 Um hymno entoarei !
 As flôres perfumadas da existencia,
 Colhidas no rozal da adolescencia
 A teus pés deporei !

Ao rutilar das lagrymas desses olhos
 Suspensas n'amplidão,
 Vi surgirem mil fadas vaporosas,
 Derramando milhões de *Nebulosas*
 Na vasta escuridão !

Nas azas scintillantes dessas nymphas
 Librou-se um seraphym ;
 Tentei segui-o na ascensão divina,
 Tive, porém, a sorte, a negra sina
 Do maldicto Caim !

Em logar de sorver o grato aroma
 Das brisas do sertão ;
 A fumaça da polv'ra em borbotões
 Sepultou-me ao troar de cem canhões
 Em trevas e clarão !

Depois do torvelinho sibilante
 Das nuvens polvorosas,
 Espalhou-se nos pampas sideraes,
 A aura dos perfumes matinaes,
 Rescendente de rozas !

Aos hymnos festivaes á liberdade
 Do Tasso desta Italia,
 Abraçada na lyra sobrehumana,
 Ao martyr Tiradentes grata hozanna
 Cantou Narciza Amalia !

Salve ! gloria da Patria ! Trovadora !
 Condor que o vôo ensaia !
 Salve ! dizem as brumas setinosas,
 Descendo das agulhas tenebrosas
 Do grande Ita-tyaia !

Salve ! trinam as aves multicores,
 Esvoaçando além !
 Salve ! brame o oceano encapellado !
 Salve ! repete o céu todo estrellado !
 Salve ! digo tambem !

Quem na lyra descanta o novo CHRISTO
 — O martyr Tiradentes,
 Não habita na patria escravizada,
 Tem na mansão etherea outra morada
 E azas refulgentes ?

Desta livre cruzada democratica
 Envio-te meus cantos,
 Não tem essa belleza seductora
 Dos versos do Varella, mas senhora,
 São tributos sem prantos !

Acceita-os, mesmo assim defeituosos,
 « Poetisa immortal ! »
 São fructos d'um espirito sem cultura,
 Fructos sylvestres, orphans de doçura
 Deste sombrio val !

CELINA

Bois, prés, fontaine, qui voyez mon teint blême
 Si vous ne le savez, je vous apprends que j'aime.
 (MOLIERE)

Vagam ao sopro da mais tenue aragem
 No diaphano sendal
 Nuvens de lindos prismas cambiantes,
 Douradas pelos raios scintillantes
 Do-flammivomo phanal !

As virentes e madidas campinas
 Vestidas de pallôres,
 Emergem de seus seios luxuosos,
 Borrifados de aljofares formosos,
 Sylphos, aves e flôres.

E quando se illuminam as estrellas
 Nos paramos celestes,
 Nocturnos pyrilampos em cardumes
 Voando banham de fulgentes lumes
 As solidões agrestes.

Globo de argentea luz corre no espaço
 Prateando as colinas ;
 Começa o idyllo das fragrantés flôres
 E nas plumas dos tremulos cantores
 Brillham lagrymas divinas !

Como é suave a vastidão sylvestre,
 Quanta harmonia tem,
 Quanto poema de eternal belleza,
 Quanta sublimidade a natureza
 Em sua alma contem.

Cicia na folhagem das mangueiras
A brisa peregrina ;
Tudo folga de amor, tudo é ternura,
Só minh'alma pungida de amargura
Chora por ti, Celina.



A MULHER IDEAL — A REPUBLICA

No canto das aves, na luz das estrellas,
Na briza suave, nas flôres olentes,
No vasto oceano, nos céos e na terra,
De Deos as bellezas se mostram ingentes !

Nos paramos celestes, os astros refulgem,
Scentelhas vibrando de mago fulgor,
Nas franças copadas plumosos cantores
A aurora celebram em trillos de amor.

Nas nuvens argenteas que vagam nos ares,
Nos raios fulgentes que luzem no mar,
Na veiga innocente, nos olhos da virgem,
Estuda-se, aprende-se e sabe-se amar.

Mas, ai, já nem posso fugir á descrença,
Ao tédio enfadonho do mundo immoral,
Se a creença algum dia brilhar na minh'alma
Será por Celina — Mulher Ideal !

Tem negros cabellos, seu gorro vermelho
Sombrea-lhe a fronte de rubro esplendor ;
Na dextra a espada, na esquerda essas taboas
Da lei sacrossanta do Deos Redemptor !

Nas vozes plangentes de lindos anginhos,
No estrondo que o raio projecta no ar,
Eu ouço-te o nome — Mulher adorada,
Sentindo nest'alma desejos de amar !

Tu és a esperança dos povos da terra,
Dos povos cançados de tanto soffrer ;
Ah ! tremam os grandes, soberbos, divinos,
Se a Idéa algum dia no mundo s'erguer !

Nas aras sagradas juraram os povos
Eterna constancia ás leis do SENHOR,
O Sabio Architecto, Obreiro incansavel !
Auctor desta Idéa de paz e de amor !

Se livres nascemos, se Deus nos domina
Em doce reinado, perenne de amor,
Porque humilhados seremos de servos
Que são igualmente sujeitos à dôr ?

*Sagrados ! divinos ! quem crê nesse embuste ?
Fidalgos de sangue finissimo e azul !
São mumias do Egypto, noventas estatuas
Sentadas a mêdo no solio curul !*



GOTAS DE LUZ

A' DISTINGTA POETISA RIO-GRANDENSE

A MALIA FIGUEIRÔA



Errei sem ter descânço nas florestas,
Dias, noites chuvosas,
Por fiel companheira de romagem
Trazia no meu seio a bella imagem.
Dessas petlas mimosas!

Quando a fadiga me tolhia os membros
Lassos de correr tanto!
A sombra das palmeiras repouzava
E meu espirito alegre esvoaçava
Sobre o teu livro santo



Meu bom amigo Octaviano Hudson.

Li, com o mais vivo interesse as suas bellas PEREGRINAS, e, embora a minha opinião não tenha authoridade alguma, no que é concernente a lettras, estou bem persuadido que, se o seu verdadeiramente inspirado livro, chegar á minha patria, não só enlevará as formosas Celinas portuguezas, mas tambem será, á parte *politica*, accollido pelos meus compatriotas illustrados, com o maior prazer, e não digo *favor*, porque, realmente, o não necessita quem sente e escreve o que nelle se admira.

Creia-me, sempre seu fiel amigo obrigado.

Rio, 25 de Março de 1874.

Francisco Travassos Valdez.

AOS MEUS CONCIDADAOS

O livro que ousou apresentar-vos, é pura e simplesmente uma divida de gratidão que ora venho satisfazer ; homenagem tributada á — LIGA OPERARIA e aos — ACADEMICOS BRASILEIROS, — porvir esperançoso da patria. Unir na dedicatoria deste meu exiguo poetar, os homens do trabalho rude com a mocidade estudiosa é identificar o povo com a alma da sociedade, com a geração futura. Esperança, progresso, dignidade, valor, patriotismo, persistencia nos grandes commettimentos, generosidade e finalmente sancta abnegação até ao sacrificio, a sociedade quér nacional quér estrangeira, encontrará sempre no OPERARIO e na MOCIDADE ACADEMICA.

A' LIGA OPERARIA de que honro-me de haver sido seu iniciador, presto, neste momento, publico testemunho de gratidão por haver generosa e expontaneamente sepultado a minha boa e veneranda Mãe.

A' MOCIDADE ACADEMICA, pelo acolhimento affectuoso que hei recebido e pela protecção incessante que ella sabe dar a todas as nobres aspirações que tendem á felicidade da patria e ao bém estar dos povos, inabalavel sympatia e sincero applauso.

Seria uma falta censuravel de que a minha consciencia se magoaria se deixasse de lembrar o nome de um distincto cavalheiro que offereceu-me a sua typographia, para que nella eu publicasse este volume a expensas suas. Não desejava ser a esse cavalheiro motivo de tão oneroso sacrificio, porém

não pude eximir-me de semelhante offerta, tão de boa vontade era ella feita, que recusar seria uma descortesia, falta imperdoavel de quem accusaria de haver abandonado, por incabíveis escrupulos, a generosa coadjuvação de um verdadeiro apostolo das bellas-lettras, constante animador dos que almejam estudar.

Estas linhas cabem ao illustrado proprietario e redactor da *Gazeta Juridica*, o Dr. Carlos Frederico Marques Perdigão.

Aos meus collegas de arte amizade fraternal e especialmente áquelle que, desinteressado, paginou este livro o Sr. Helvecio Pedrosa.

Aos cidadãos Joaquim de Saldanha Marinho, Joaquim José Gonçalves de Moraes, Francisco Cunha, Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça, Pessanha Povoá, Henrique Limpo de Abreu, Jacome de Campós, Luiz Gama, Joaquim José Rodrigues Torres, Daniel Pedro Ferro Cardoso, José de Souza Breves, Pedro Bandeira de Gouvêa, Matta Machado, Pedro Ferreira Vianna, Americo Brasiliense, Aristides da Silveira Lobo, Domingos Farani, Pedro Farani, Rangel Pestana, homenagem de sincera consideração amistosa offerece

O Author

ONDINA



Os setinosos
Finos cabellos
São lindos fios
D'aureos novellos.

A frontè bella
E engraçada,
Pela de Venus.
Foi modelada.

Os olhos languês
E seductorês,
São deshumanos
Dominadores.

Os lindos labios
Tão purpurinos,
Dentes encerram
Alabastrinos.

O collo alvissimo,
Mais que o marfim
Guarda thesouros
D'um serafim.

Os alvos braços
D'amor feita
Prendem mãosinhas
De maga alvura.

Sua cintura
E' mais delgada
Que a da creança
Mais delicada.

O pé mimoso
No seu pisar
Captiva o ente
Que o avistar.

Todo o seu porte
E' tão composto
Como formoso
E' o seu rosto.

Mas a belleza
Que Deos lhe deu
A' alma santa
Preito rendeu.

Esse conjuncto
De perfeições
Prende, escravisa
Mil corações.

A imagem prima
Do Redemptor
Assim attesta
Seu esplendor !

SAUDADES !

Tenho saudades das nuvens
Que vagam sobre o teu lar :
Das auras, das avesinhas,
Das arvores do teu pomar.

Tenho saudades, Celina,
Da tua voz maviosa,
Desse olhar esmagador,
Dessa fronte magestosa.

Tenho saudades dos prantos
Que vi correr de teus ciliós,
Delles Celina, adorada,
Fiz mil poemas,— idylos.

Tenho saudades do céo
Tão azul, tão luminoso,
Dessas brumas, dessas serras,
Desse oceano alteroso.

Tenho saudades das aves
Que trinam sob o teu lar,
Dessas cabeças insontes,
Descuidosas a brincar.

Tenho saudades tão fundas
De teu olhar languoroso
Que por havel-o perdido
Ando sempre pesaroso !

Até morrer no meu seio
Viverás meiga Celina,
Serás o anjo da guarda
Da minh'alma peregrina !

Esse amor sincero e santo
Ha seis annos que o sustento,
E' minha eterna vangloria,
Será meu unico alimento !

Sonhos, vida, crença, morte,
Tudo sem ti o que val ?
Sem teu amor nem o céo
E' mansão celestial.

Tenho saudades das raivas,
Dos rizos de zombaria,
Dessa mudez apparente,
Dessa fingida alegria.

Tendo saudades das nuvens
Que vagam sobre o teu lar,
Tantas saudades, oh ! tantas !
Que nem te posso explicar !



O OPERARIO

OFFERECIDO AOS OPERARIOS DOS ARSENAES DE GUERRA E
MARINHA

— « E' dia, já são horas, exclama o operario
O leito abandonando em busca da officina,
« Vae, minha esposa, vae e celere levanta-te,
« Traze-me a refeição.

— « Não me façás perder, diz elle, todo tremulo,
« Um dia de trabalho por via d'um almoço
« Prefiro ir em jejum.»—«Não perderás, eu juro-te,
Humilissimo ponto ! »

—« Por causa de uma sôrda expões-me ao sacrificio
« De faltar ao trabalho, ao pão que devo a ti, »
« Espera um só momento—a refeição preparo-te—
Espera-a, supplico-te.

—« Não sejas apressado, meu velho, tranquillisa-te,
Ainda não rufaram tambores d'alvorada,
Demais, a lenha é verde, a custo a lenha atêa-se,
Afogo-me em fumaça ! »

Eis um quadro real da vossa vida misera,
Cheia só de afflicções e turbidos cuidados,
Emquanto tendes pressa, os *outros* repoltream-se,
Confortam-se nos leitos.

Sobre uma velha enxerga repousa o operario
Doente, sem recursos, exposto ao abandono,
Do leito á cabeceira os filhos recostando-se,
Extorcem-se de fome.

« Papae, um pão—papae—exclamam esses labios
Que a taça do infortunio estreiam no libar,
—« Papae, mamãe é má, o pão mamãe esconde-o,
Pede-lhe o pão—oh pae !

E a mulher infeliz, vertendo amáras lagrimas
Como louca vagueia oppressa pela dor ;
E aos céos conforto roga, ao desespero allivio
Implorando-o debalde !

Quantas vezes, oh Deos, abrio ella o armario
Contemplando-o vasio ! e quantas a lafeira
Sem nada mais achar, exclama genuflexa :
— Protege-nos oh Deos !

Emquanto atordoado o triste proletario
Revolve-se a gemer e sem poder dormir,
Os miseros filhinhos famintos e esqualidos
Lastimam-se chorando.

A noite desenrola a negra enorme tunica
Sobre aureos palacios e tristes perdieiros,
Em uns que de folguedos, em outros que d'angustias
Travam-se á sua sombra !

Ai, quanto dissabor esmaga o operario
Quer no leito dolente ou inda na officina,
Quanto escarneo, meu Deos, ás faces arremeça-lhe
Estupida vaidade !

Tragando humilhações, exposto ás intemperies,
A' fome, frio, chuvas e outras mil agruras,
Eis do mais inditoso, infelice operario
Horribile existencia !

Novos Sisypfos a rolar inglorios
O seixo enorme de um trabalho insano,
Quando tombam no leito—uma trindade abraça-os :
Miséria, escarneo e dôres !

As mãos cheias de callos, as mãos que nobilitam-se
Na lima, no martello, na serra e na bigorna,
Colhem folhetas d'ouro e como as conchas niveas
Prodigas emergem perolas !

Lettras, artes, commercio, industrias e sciencias
Não prescindem do braço invicto do trabalho,
E quando a patria ultrajam, lá corre o operario,
Defende-a té morrer !

Honrando do progresso o prefulgente lábaro,
Na vanguarda marchae dos grandes combatentes,
Até que um dia reconquistéis impavidos.
Liberrimos direitos.

O sol que doura os montes espraia os raios igneos,
Beijando as vossas fronte ungidas de suor ;
Quando amortece a flamma, no horisonte atufa-se,
Sauda-te operarios !



LYRIO E ROSA

A D. RITA CLARA DE MORAES E D. CECILIA M. BREVES



São duas flôres de fragrancia tumidas,
 Desabrochando na manhã da vida ;
 São duas rôlas saltitando lépidas
 Por sobre a veiga de matiz cingida.

São duas Vestas de belleza angelica,
 Juntas erguidas n'um altar de amor ;
 Duas estrellas refulgindo tremulas,
 Aureoladas de eternal fulgor.

São duas harpas das esphas celicas,
 Tangidas sempre pelo mesmo affecto ;
 São duas sylphides s'emballando aerias,
 Sob a penumbra d'estrellado tecto.

São dous mimosos colibris multicores,
 Abraçadinhos sob um céu de anil ;
 São duas bellas açucenas flascidas
 Surgindo olentes d'um florido hastil.

São duas brumas a voarem fulgidas
 Nas lindas azas de crastina luz ;
 Dous bellos raios de celeste aureola,
 São dois anjinhos ao sopé da cruz.

São duas almas a cantar unisonas,
A mesma estrophe n'amplidão dos céos,
Ou duas cordas a soarem mysticas,
Harmonisadas pelas mãos de Deus.

Uma na tez amorenada e calida
Mostra dos tropicos o sublime ardor,
Outra do lyrio a desbrochar setineo,
Mostra nas faces a marfinea côr.

O PRECITO

« Almejas ver-me abandonar os mares
 « Que ondulam fulgidos retratando os céos ?
 « — Não vês ? Espero do zephir algente,
 « Da ondina crespa no rolar tremente
 « Um *ai* dos labios teus ?

« Sou um precito ! nesta salça esphera
 « Deve cumprir-se do marujo o fado,
 « Vogando sempre, a demandar a morte,
 « Té que seu barco soluçante aporte
 « Ao bárathro irado !

« Enquanto não vier negra a procella
 « Ai, não me olvides n'amplicidão marinha,
 « Envia ao peregrino navegante
 « Um suspiro d'amor, oh ! minha amante,
 « Nas brisas da tardinha !

« A sós, abandonado aos céos e mares.
 « Confio meus gemidos, fundas penas,
 « A's estrellas cadentes ou ao bando
 « Que surge além, as vagas praticando,
 « O bando das phalenas !

.. . . .
 Mas ribomba o trovão !... o vendaval arqueja
 No dorso do batel do misero precito
 E nas azas cris d'um raio do Levante
 A alma do corsario voára scintillante
 « Ao seio do Infinito !

SER E NÃO SER



Dormir !... Sonhar !... Morrer ! eis a missão
Dos seres nesta vida,
Esperanças de amor, gozos mundanos
Some-se tudo no volver dos annos
A morte tudo olvida !

Desde a vida dos brincos infantis
Até tombar a aurora
Soffre, geme a infeliz humanidade
Quer privada de amor ou liberdade
Até á extrema hora !

Sonhar !... Dormir !... assim dizia Hamleto
A reflectir na sorte ;
Esta vida tão ampla de amargura
Na celeste mansão inda perdura
Ou findará na morte ? !...



A JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E
SILVA



Foi um dia solemne e cheio de victorias,
Do recinto da camara o povo se accercou,
E dentre os campeões da liberdade escrava,
Della a defesa um genio celebrou !

Gigante da palavra, preclaro, intelligente,
Dos labios um protesto nasceu-lhe com fervor
E a nação arroubada em santo enthusiasmo,
Applaudia, acclamava ao seu libertador.

E José Bonifacio—a tradicção,—a gloria
Do venerando Andrada que a patria libertou
Ergueu-se ativo, apostrophando áquelles
Escravos de um poder que tanto os aviltou !

Açoutando a esbirros da infrene dictadura
A face lhes voltou, negou-lhes a sancção
E elles, já confusos, sahiram repelidos
Da camara do povo, porém, de Cezar—não !

Assim tombou da patria ao sopro tormentoso
A arca sacrossanta da nossa liberdade ;
Porém de seus despojos surgiu illuminado
O vulto collossal—o arauto da verdade ?



DIVA

Pendem da fronte mimosa
Sobre seus hombros divinos,
Os cabellos ondulados,
Setinosos, negros, finos.

Scintillam langues de amor
Olhos tumidos de luz ;
Fiquei cego de paixão
Quando os meus nelles depuz.

Dorme-lhe o collo velado
Sob a nitente cambraia,
Apenas desenha a forma
Quando offegante desmaia !

Qual uma estatua marmorea,
Fria, muda, indifferente ;
Nos labios erra-lhe o riso,
Riso de escarneo pungente !

Sobre o seio alabastrino
Traz o symb'lo de Jesus,
Se podesse nos seus braços
Morreria até sem luz.

CARTA DE APRESENTAÇÃO

O cantor de Anchieta e do *Evangelho*,
O Tasso desta Italia,
O Fagundes Varella — o inspirado,
Pedio-me que vós fosse apresentado,
Dona Narcisa Amalia!

Confo em vossas mãos a flórea messe
De um genio americano ;
E' uma tenue gôta distrahida
Dessa fonte caudal, cheia de vida,
Gôta de um mar soberano !

Quando os zoilos dentaram a Bocage
Pela inveja instigados,
O bardo portuguez contra os perversos
Diz — « Felinto cantor, presou meus versos,
« Oh ! impios desgraçados ! »

Como o genio immortal da Luzitanea,
Podeis brasileira estrella,
Clamar de um nobre orgulho possuida :
« — Vejo a celeste musa hoje rendida,
— A musa de um Varella ! »

Nos mundos sideraes, nessas espheras
Onde reinam brilhantes *Nebulosas*,
O condor do Brazil lê mil poêmas,
Depondo aos vossos pés aureos estemas
Pelas livres idéas magestosas !

Dando por terminada a commissão
Do vate soberano,
Aguarda vossas ordens em viagem
Quem se ufana de ser por homenagem,
Vosso sérvio —

OCTAVIANO.

S. João do Principe, 25 de Setembro, na Fazenda da Barra.



TRIBUTO DE ADMIRAÇÃO

O GENIO E A BELLEZA

A' Exm. Sr. D. Narciza Amalia



Era noite no céo, noite em minh'alma,
 Noite em meu coração !
 Sobre os frios marneis que me cercavam
 Dois espectros horrendos bocejavam ;
 A dôr e a solidão !

Longe, nos horisontes do passado
 Não brilhava uma luz,
 Do futuro no lugubre mysterio
 Descortinava um vasto cemiterio,
 Os tumulos... a cruz !...

Sempre saudades ! Esperanças nunca,
 Nunca um raio do sol !
 Nunca propicia a musa lacrymosa,
 Inquieta como a lamia tenebrosa
 Dos cerros do Tyrol.

Oh ! do bello ideal, divina cópia,
 Aguia !... rolinha !... flôr !...
 Dos serões de Al-Rachid—airosa fada !
 Maravilha dos paços de Granada !
 Visão de ethereo amor !

De meu sombrio azylo de tristezas
 Teus cantos escutei ;
 Minh'alma inebriou-se de harmonias,
 Reviveram da crença os aureos dias,
 Teu nome abençoei !

Vi se estender o iris da bonança
 No firmamento azul,
 Ouvi pelos vergeis das— NEBULOSAS
 Tecer canções ás purpurinas rosas
 O magico Bulbul !

Transportei-me nas azas do teu genio
 As chans orientaes ;
 Do Libano subi pelas escarpas,
 Escutei o concerto de cem harpas
 Nas nuvens matinaes !

Aspirei offegante o grato arôma
 Dos lyrios de Ceylão,
 Sonhei te vêr da Syria entre os cyprestes
 Como a esposa dos canticos celestes,
 Do grande Salomão !

Onde hauriste das gregas divindades
 O genio sem rival ? !...
 Provaste accaso as aguas de Castalia,
 Inspirada e gentil — Narciza Amalia,
 Poetiza immortal ? !

Ai ! quem assim as almas escravisa
 E prende aos gestos seus,
 Pisa apenas a terra condemnada,
 Mas ergue a fronte illustre e laureada
 Junto ao throno de Deus !...

Escuta e crê :— Jamais a pobre lyra
A's lizonjas votei !
Amo a Gloria,— a Belleza, a Liberdade ;
E esta sublime, lucida trindade
Em teus versos achei !

Do meu desterro envio-te meus cantos
Triste, rude oblação !
Aura do inverno, viração que passa !
Acceita-os e... perdôa-me ! A desgraça
Vara-me o coração !

L. N. FAGUNDES VARELLA.



REDEMPÇÃO

Passa la bella dona e per che piange?

(Tasso)

Sob o tunel sombrio das arvores frondosas,
Atalaias da selva florida e perfumada,
Valsam á meia noite as willis vaporosas,
Ao tenue ciciar da brisa embalsamada.

E' a hora solemne dos celicos encantos
Em que a natureza velada de mysterios,
Derrama sobre a terra aljofares de prantos
E choram de saudade os seraphyns aerios!

Das campas se levanta a funebre cohorte,
De sombras povoando o paramo celeste,
O pio merencorio do passaro da morte
Recorta pavoroso a solidão agreste?

Desata-se do seio á rosa purpurina
Subtil e perfumado effluvio inebriante;
E nas aguas 'de prata a candida bonina
Esfolha no silencio a petla vascillante!

Nas azas da tristeza, á luz dos vagalumes
Minh'alma se elevára á negra região
Das flôres chammejantes, das arvores de lumes,
Das aves horrorosas, de garras de leão!

Alli se destacava em meio á escuridão
 Palacio temeroso, orlado de caveiras ;
 Do inferno eis o medonho, esqualido brazão
 Laureado por folhas de lobregas figueiras !

Das terreas potestades os thronos empilhados
 Erguiam sopedaneo ao grande pandemonio ;
 No portico fatal os gryphos recostados
 Faziam sentinella aos paços do demonio !

Cerbera, desprezado-o fulvo-o velho cão
 Dormia a somno solto aos pés de Proserpina ;
 O ensejo aproveitei, da ignea mansão
 Corri impaciente a calida cortina !

« *Alerta !* ouvi bradar por traz das minhas costas,
 « *Um profano ! um vivente ousou entrar ahi !*
 « E a medonha sphynges que estava de mãos postas
 « Responde sem preambulos : « eu mesma consenti !

Que luxo ! que elegancia ! mobílias estofadas,
 No tecto candelabros de grandes dimensões ;
 As vellas eram sceptros das raças coroadas,
 Os sceptros, são as lagrymas de todas as nações !

No dorso de um dragão de azas luminosas
 Caim sentado eu vi a meditar na sorte ;
 Na sinistra empunhava as chaves tenebrosas
 Da morada sombria em que reside a morte !

Aos pés de Satanaz, do rei da escuridão,
 Sobre um leito de corvos Erebo dormitava
 E o Argos reclinado sobre um escorpião
 De sob as arcarias as almas espreitava !

« De mim o que pretendes, que vens aqui buscar ?!...
 Satan apostrophou-me do alto do seu throno,
 — Almejo nestes paços mysterios devassar,
 Enquanto lá no mundo vagando vae o somno !

« Não tentes prescrutar arcanos insondaveis,
 « Volta, não te demores, ousada creatura ;
 « Estes seres horrendos são todos impalpaveis,
 « Seus corpos lá repousam na fria sepultura !

.. ..
 « Porém s'inda persistes em ver este dominio,
 « Sem teres da materia abandonado a capa ;
 « Deita-te, dorme mortal, naquelle meu triclinio,
 « Mas antes põe os labios no lema desta chapa !

« *Sicut cadaver !* Em fogo estava escripto »
 Sobre a lamina pregada no seio de Plutão ;
 Osculei receioso o distico maldicto,
 Depois. no leito grego dormi como um sultão !

Sonhei, que bellos sonhos gosei no tredo Averno !
 Huris encantadoras valsavam-me ao redor ;
 Nas nuvens genuflexo, aos pés do Sempiterno,
 Um seraphym tristissimo, orava com fervor !

Que mysticos accordes !... que pranto dolorido !...
 Que pungentes suspiros !... que flascido torpôr !...
 Quem orando chorava, o seraphym sentido,
 Era a bella Celina, o meu eterno amôr !

Quando, desse sonhar de fulgidas visões,
Despertei amoroso, já era claro o dia;
Uma alma agrilhoadá por tantas afflicções,
Tem infernos na mente, empyreos, harmonia!

Sejam ou não reaes as illusões sonhadas,
Eu guardo na lembrança o ethereo salvador,
Que tirando minh'alma das trevas condemnadas
As palpebras descerrou-me á luz de seu amor!



OZORIO

AOS VOLUNTARIOS DO NORTE

Que lutas tremendas ! que nobres façanhas
 Travastes soldados ao som das metralhas,
 Ceifando mil louros, cobrindo de glorias
 As frentes queimadas ao sol das batalhas !

Lá rufam tambores ! Echoam mil vozes
 Phalanges immensas na pugna se atiram.
 Quem são esses bravos ? — São filhos do Norte,
 Que zombam da morte, que ao mundo admiram !

São filhos do Norte, do Norte brasileiro,
 Da terra sagrada por tantos guerreiros,
 São filhos do Norte, são bravos da Patria,
 Valentes soldados — heróes brasileiros !

Quem foi o guerreiro, o audaz temerario,
 Que em tantas pelejas constante se achára ?
 Quem foi o lanceiro — o heróe legendario,
 Que o solo inimigo primeiro calcára ? !

As aguas do rio no Passo da Patria,
 As matas sombrias, e o rijo pampeiro:
 Respondem ufanos—Um Rio Grandense,
 OZORIO o colosso ! — OZORIO o guerreiro !

E o echo crescia, nas aguas, nas mattas
Enchendo o espaço do ethereo zimborio
E nossas metralhas matando inimigos
Tambem repetindo — saudavam Ozorio !



VESPER!



Silencio !.... Cantam os anjos
 Nos degráos do throno santo,
 Emquanto as almas errantes
 Derramam dolente pranto !

Não tenho a luz que illuminou a mente
 Ardente e lucida de teu irmão poeta ;
 Sei que morrendo s'esvalho com elle
 Da gloria patria a sonora meta !

Debalde tentas me chamar a campo,
 Donde me acho a repousar dormente ;
 Alma perdida, associada a outras,
 Commigo o fado lamentou e sente !

Foi do Eterno recolher no seio
 O santo preço do soffrer na terra ;
 Arca de dotes, de harmonias caras,
 Sua alma pura no Empyreo encerra !

Dos astros que luzem
 Com tanto esplendor
 Eu sou soberano
 E astro de amor !
 Nas almas
 Tão calmas,
 Impera constante
 Meu ser scintillante ;

E qual sensitiva
Furtando-se á mão
Medrosa e esquiva :
Assim do vivente
Meu rosto amoroso
Se vella fulgente !
Mas do desgraçado,
Vivente isolado,
Trahido d'amôr
Eu sou protector !
Sou anjo e phanal
Protejo-o do mal
E se impia sorte
O lança na morte,
No meu collo ardente,
Sua alma dolente
Repousa amorosa
Da vida afanosa !



JOVITA

Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe
 Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe.

VICTOR HUGO.

Lançou-se a louca no bordel immundo
 Manchando as folhas da grinalda pura
 E do remorso cruciante e tredo
 Foi pobre victima repousar segura !

Amou com fogo e na paixão ardente
 Sellou de sangue a confissão de amor ;
 Perdão, piedade, uma saudade, um pranto
 A' triste misera, á desfolhada flôr !

Oh ! pallida errante estrella em negro véo envolta
 Quem foi no mundo o ser que teu porvir nublou ;
 Quem foi a ignea mão, horrivel, implacavel
 Que nesse negro barathro sem dó te sepultou ? !...

Perdão, senhor do mundo, perdão á transviada,
 No seio sacrosanto abriga a suicida ;
 Pelas dôres acerbas do teu calvario, oh ! Christo,
 Perdão, Senhor, perdão, — á triste ré da vida !

VERGISS MEIN NICHT



Não te esqueças de mim, bella Celina,
Quando surgir ao desmaiar do dia
A luminosa estrella vespertina !

Não te esqueças de mim, quando sombria
Delia vellar-se no sidereo manto
Em trevas sepultando a serrania !

Não te esqueças de mim, quando de pranto
Que a aurora desatar, alma de luz
Banhar-se a relva de estrellado manto !

Não te esqueças tambem se n'uma cruz
Alçares os teus olhos divinaes,
Que nella por amar, morreu Jesus !



A VIDA HUMANA

(Paraphrase de um soneto italiano)



Alga arrojada á praia ao menor vento,
 Folha a tremer n'um galho delicado,
 Herva que ao despontar morre no prado,
 Flôr que viçando murcha em um momento.

Relampago de seu brilho logo isento,
 Raio que luz e tomba-se offuscado,
 Aura errante a correr de lado a lado,
 Fumo inconstante a perpassar no vento.

Pó em nuvens tenues espalhado,
 Sombra em espetro e larva transformada,
 Nada deixando tudo abandonado.

Alga, folha, herva, flôr — creança amada —
 Raio, aura, fuzil, fumo enthronado
 Na tumba o que serás ? Pó, sombra e nada !



A ESTATUA BIFRONTE

Á SALDANHA MARINHO

Si pour nous accabler de maux et des douleurs
Le trône a ses tyrans, le ciel a ses vengeurs.

(CRÉBILLON).

Do rei bifronte a estatua
Eil-a erguida sobre a praça,
Qual abutre que esvoaça
Por sobre morta nação ;
Inda mais, ostenta cynica,
Com o braço alevantado
Que o Brasil escravizado
Lhe deve emancipação !

Toda aquella massa bronzea
Que negreja pelo espaço
Foi um lacaio do paço
Que tanta infamia ideou !
Mas a mentira metalica
Na porvir revolução
Ha de rolar pelo chão
Como Vendôme rolou !

Revóa no ethereo paramo
A sombra de Tiradentes,
Seus tristes echos plangentes
Causam remorsos — horrores !
Até mesma a bronzea effigie
Parece estar derrocada,
Quando ao romper d'alvorada
Rufam guerreiros tambores !

Emquanto povos infelices
Gemem tristes e curvados,
Sob pesos tão pesados
De grandes imposições ;
Os reis, o Papa — energumenos,
Nos seus thronos infernaes
Aguçam, cravam punhaes
Sobre os peitos das nações !

Foram sempre reis e clérigos
Os carrascos das nações,
São elles que nas prisões
Vão os bravos encerrar ;
E' desta fórma jesuitica
Que a Xavier — Tiradentes,
Heróe dos Inconfidentes
Puderam crucificar !


Salve da Patria o Apostolo !
Alma cheia d'hombridade !
Arauto da Liberdade
Nos tempos da escravidão !
O teu nobre sacrificio
Ha de achar imitadores,
Que serão demolidores
Desse ignobil padrão !

Esse marco é o ciborio
Dos prantos da Liberdade ;
A Patria Posteridade
Verá no seu pedestal
Como esteve no patibulo
De civismo laureado,
O mais nobre condemnado
A' Gloria Nacional !

Que mesto exemplo terribile
Para as novas gerações
Hoje dão duas nações :
— O Brasil e Portugal,
Levantando essas estatuas
Para o mesmo usurpador,
Rei bifronte — Imperador !
Onde o brio nacional ? !....

De Setembro em dia setimo,
Ao roseo clarão d'aurora,
Quando prantos o céu róra
Sobre serras e campinas,
Nos petreos degrãos da estatua
As orchestras marciaes
Tocam hymnos funeraes
Pelo Martyre de Minas !

Toda aquella massa bronzea
Que negreja nesse espaço
Foi um lacaio do paço
Que tanta infamia vasou !
Mas a mentira metalica
Na porvir revolução
Ha de tombar pelo chão
Como Vendôme tombou!



TOUJOURS !

Da desgraça a lei fatal
 Póde de ti separar-me ;
 Mas nunca d'alma tirar-me
 A gloria de te querer !

(GONZAGA).

Vou-me aos poucos Celina, definhando
 Sob os golpes crueis do triste fado ;
 Já se me estão as faces encovando,
 O suor glacial traz humectado
 Este seio inanido, e quasi morto,
 Som cavernoso estruge-me do peito,
 Nem forças tenho pr'a sahir do leito ;
 Só recobro da' vida algum conforto

Quando na linda cópia desse rosto
 Afógo n'um olhar tanto desgosto !

Conto, nas longas noites vigillante,
 Os momentos da vida fugitiva,
 E só por ti, minh'alma delirante,
 Mesta de amôr; saudosa, pensativa,
 Enlanguece, suspira, ardente chora ;
 E sagrado por tamanho soffrimento
 Ergue no fatigado pensamento
 Um altar de illusões, e nelle adora

A linda imagem de teu divo rosto
 A' sombra merencoria do desgosto !

Se me visses, Celina, neste estado
Em que me collocou a dura sorte
Terias dó do pobre desgraçado,
Peregrino de amor, prêa da morte ;
Ai ! talvez, genuflexa, na agonia,
Tu viesses qual anjo salvador
Dar-me na morte a luz de teu amor ;
Sem saudades então eu morreria

Indo na meiga luz dos olhos teus
Adorar-te, Celina, aos pés de Deus !

MIRAGEM

Ah ! se te visse a divagar incerta,
 Descalça e triste em arenosa praia,
 Em horas mortas, quando o mar bramindo
 Em nivea espuma a solluçar desmaia.

Ah ! se te visse pensativa e muda,
 Mirando langue n'amplicão do ar
 Essas èstrellas que scintillam palidas,
 E tibios furtam-se ao terreno olhar

Ah ! se ti visse sobraçando a lyra,
 Tangendo as cordas a cantar endeixas,
 Soltas ás brisas de fragrancia tumidas,
 Tuas lustrosas, divinaes madeixas.

Ah ! se te visse o palpitar dô collo
 A medo arfando n'um febril anceio
 E se dos labios um *te amo* ouvisse
 Toda incendiada n'um corar d'enleio.

Então... a terra me seria um Eden,
 A vida... um sonho de eternal porvir ;
 E tanta lagrima derramada, archanjo,
 Eu resgatara por um teu sorrir !

AMO-TE !

Amo teus olhos seductores castos,
Quando scentelhas sobre os meus atiram ;
Amo-te os labios entreabertos, rubros,
Que beijos pedem se d'amor suspiram ;

Amo as madeixas setinosas negras,
Que s'espreguicam nesse collo teu ;
Ai ! se pudessem enchugar-me o pranto
Quanto ditoso não seria eu ?

Amo-te os seios offegantes, virgens,
Puros e santos como os sonhos teus ;
Amo-te as fórmãs, esse olhar, e rosto
Imagem, sopro divinal de Deus !

Tu que minh'alma n'um olhar captivas
A paz turbando de meu ser errante,
Ai, não me fujas a teus pés prometto
Viver prostrado, te adorar constante !

Se sou culpado desse amor fremente,
Se nesses olhos embebi os meus ;
Se te desejo, se te adoro tanto
E' porque vivo d'um olhar dos teus !

N'UM ALBUM

« *Poetas por poetas sejam lidos,*
 Assim dizia Horacio: e na verdade,
 Ao cégo de que presta a claridade
 Se não póde gozar d'almos effeitos,
 Si seus olhos ás trevas traz sujeitos ?
 Assim o vulgo está no mesmo caso,
 Leia embora mil vezes um poema
 Fica em jejum e só por mero acaso
 Depara lá do bello alguma gemma !
 Porém as mais das vezes não a entende,
 Nem póde acompanhar no vôo altivo
 O bardo que sua alma em versos rende,
 Além da morte ou inda mesmo vivo !
 Das idéas que encerra a poesia
 Só póde comprehender e bem sentil-as,
 Gozar do seu conjuncto e harmonias
 Quem das musas poder adquiril-as ;
 O mais é perder tempo inutilmente,
 Fazendó o cégo olhar e o demente
 Julgar do ciso alheio com criterio
 Ou invertendo as leis da natureza
 Fazer da fealdade uma belleza ;
 Assim sirva o apologo de exemplo
 Que Apollo ao mercador véda-lhe o templo !

O CONSELHO INFERNAL



Plutão e Proserpina em conferencia
Tôda a noite perderam a revêr,
Quem do Averno deviam escolher
Para mentor da cornea descendencia.

O sicario sem alma e consciencia,
O juiz que a justiça foi vender,
O mao filho que a mãe já não quer ver
Desde o plebeu até a excellencia ;

Nenhum acharam para tal mister
Porque não resumiam n'um só ente
Quando de torpe existe por saber :

«—Achei, diz Proserpina de repente,
«—Quem ? pergunta Plutão, quem póde ser ?
«—Será o Jesuita ? — Exactamente ! »



CONSOLAÇÃO

Á D. MARINHA DE SÁ CHEREM

Ceux que pieusement sont morts pour la patrie.
On droit qu'a leur cercueil la foule vienne e prie.

VICTOR HUGO.

Cahio no campo da honra
Ceifando louros teu filho,
Da gloria o fulgido brilho
Foi sua estrella, seu norte ;
Qu'importa ganhasse a morte ?
Pela patria quiz morrer,
O nome eterno ha de ter.

Das luctas sanguinolentas
Do selvagem Paraguay*
E' mais mais um heróe que vae
Surgir na posteridade,
Soldado da Liberdade,
Sellou com sangue das veias
As inimigas ameias.

Nellas ergueu altaneiro
O estandarte da cruz,
A' sombra de balla, obuz
De lanças, e mil espadas,
Com as facés requeimadas,
Deu ao Brasil honras, gloria
E mais um nome á historia !

A patria carpe saudosa
A morte do heróe valente
E nesse pranto dolente
Rende um peito merecido
Ao guerreiro destemido,
Que nessas luctas pujantes
Foi gigante entre gigantes !



INNOMINATA SPEME!



Embora fuljam luminosos mundos,
 No azul intermino se deslizem astros,
 Do nauta o canto a devassar o pólo
 Falleça tremulo, manobrando mastros ;

Embora em pincaros d'alcantis montanhas
 Luzentes rolem os laureis de espumas
 E ás densas nuvens de queimadas serras
 Casem-se os flocos de sidereas brumas ;

Embora allente-se nos maternos seios
 Dos céos splendida emanação de Deos ;
 E os sylphos mýsticos a brincar no espaço
 Colham alligeros os folguedos seus ;

Embora arrulhem mil nevados pombos
 Meiguices, osculos expandindo a flux
 E sob os raios de fulgente aurora
 As aves trinem saudações á luz ;

Nada esvanece da brasileira fronte
 A santa imagem do ideal primeiro ;
 «—Sem *Ella*,—exclama a Instrucção aos povos,
 « Não ha conforto no Universo inteiro ! »



AO GENERAL CAMARA

Cahio o vil tyranno ! A farda ensanguentada
Do sangne de seu povo servio-lhe de mortalha ;
A gente que o cercava, rendida e derrotada,
As armas depuzera ao peso da metralha.

Ao clangor dos clarins na força da peleja
A gloria brasileira mais forte refulgia,
Emquanto que no pó entregue a seu remorso
Nas vascas infernaes o vil se debatia.


Com elle se quebrou o élo doloroso
Que curvava esse povo e martyr o fazia,
E á sombra do Brasil, por seu phanal guiada
A luz da liberdade uma nação surgia.

E quando a foragir-se os bosques procurava,
A fome, a peste, a sêde abriam-lhe passagem ;
De prantos, de gemidos e dôres se nutria
O algoz do Paraguay -- de seus irmãos voragem !

Dos antros o chacal não surge mais feroz,
Sedento, enraivecido qual foi esse tyranno ;
Respondam as planicies, os rios e os bosques
Dos mortos que fizera o despota Sejano.

Ninguem uma só lagrima por elle derramou
Sabeis por que motivo ? O despota tyranno ;
No sangue de seu povo cevou o labio hyrcano
E qual tenaz vampiro as trevas demandou.

As armas da alliança de louros s'enastrando
Se ostentam gloriosas perante a humanidade
E desse immundo barathro, o Camara invencivel,
A' lança ergueu um povo á luz da liberdade !



CRENÇA E DESCRENÇA

Perdeu minh'alma as illusões da vida,
De amor a crença já não tem a pobre,
Em pranto immenso repassadas magoas
Do mundó ingrato suspirando encobre.

Se a brisa passa no revolso prado
Mimosas flôres a deitar ao chão,
Sente minh'alma compassiva, triste,
Suas fragrancias que perdidas são.

Se o mar revolto, a soluçar queixoso
Cobre minh'alma de terror infindo,
Ou se serena rutilante estrella
Mira nas aguas o seu rosto lindo.

Ai, então sinto neste peito a flamma
Da fé robusta de um amor fremente ;
Creio na vida, neste mundo creio,
Porque saudades a minh'alma sente.

Se d'entre os galhos de virentes folhas
Tibio se esconde o colibri formoso ;
Se no arvoredo o sabiá saltita
Abrindo a aza a s'esperanir vaidoso ;

Só lhes invejo de seu ser a vida
Essa innocencia que não tem rival,
Como dos brincos a creança louca
Da borboleta a doudejar no val !

Se d'entre as naves de sagrado templo
Hymnos echoam divinaes, sentidos,
O peito estala, meus joelhos vergam,
Oro com esses coraçõs doridos.

Se folga a virgem a dansar garbosa
Presas nos braços de gentil senhor ;
Não lhes invejo do prazer o goso
Não gozam, fogem de seu proprio amor !



A IDÉA

A' FRANCISCO IZIDORO NOGUEIRA DE CASTRO

Não mereço, Celina, não mereço
Esse desprezo de pungente effeito,
Quem pode libertar-se ao sentimento
Que lavra-lhe no peito ?

Tù condemnas-me os olhos lacrymosos,
De mim te ris, expoes-me a zombaria,
Contas a todos os martyrios meus,
Sorrindo de alegria

Quem provocou e acendeu-me n'alma
A chama ardente que me abraza em vida,
Simulando a chorar amor intenso,
Foste só tú querida !

Quizeste ás plantas ter-me submisso,
Por impulsos fataes, desconhecidos ;
Folga, Celina, folga, eis-me a teus pés,
No rol dos teus vencidos.

E's o anjo da morte, o amor que mata,
Mas mesmo assim te adoro ardentemente ;
Quero por ti morrer escarnecido,
Pois morrerei contente.

O ditoso Dirceo, meiga Celina,
Se em funda prisão foi arrojado,
Teve ao menos suave captiveiro,
Foi de Marilia amado !

...

Ha dois annos, dois annos de tristeza
Que sobre este meu peito a dôr repouza ;
Que de prantos, oh Deos ! hei derramado
Deste ideal na louza !

Se em frias abobadas recluso
Ou longe desterrado alem vivesse
Feliz me julgaria se Celina
A' Patria hoje volvesse !

Louco de dôr, no ermo abandonado,
Choro saudoso pela par perdida,
Odeio o mundo e nesse rir convulso
Illudo a dôr sentida !

Ai, Celina ! se os seres bemfazejos
De Deos são recebidos lá nos céos
Protege das estancias sempiternas,
Os agros dias meus !



A BORBOLETA



Dos insectos o mais lindo,
O mais mimoso nas côres
E' a linda borboleta
Symb'lo de falsos amôres.

Volluvel, percorre alligera,
Na terra todas as flôres,
Entre gostosa a nutrir-se
Do mel fragrante de olores.

Sugando a seiva
De uma a uma,
Jamais persiste
Em flôr alguma.
Sempre inconstante
Depois de farta
Incompassiva
Dellas se aparta.

E tendo nellas
Se alimentado
Contente adeja
Sem mór cuidado.
Quaes borboletas
De flôr em flôr
Assim, oh perolas,
Sois no amôr.

O JASMINEIRO FANADO

A virgem, fada ou visão
 Que nesta mente elevou-se,
 E' um anjo de harmonia
 Que dos meus sonhos gerou-se.

Tem altiva, eburnea fronte,
 Olhos negros, resplendentes,
 Faces e cutis jasmineas,
 Rubros labios, alvos dentes.

Esparsos pelas espaldas
 Negros cabellos estavam,
 Impregnando de aromas
 As brisas que os ondulavam.

Um cinto azul n'alvas vestes
 Contornava a Sylpho aeria,
 Na dextra estema estellifero
 Trazia a visão etherea.

De chofre o sol com seus raios
 Em sonho vi scintillar
 E a virgem, visão ou fada
 Assim desfere o cantar :

« Erguei-vos, dourae os montes,
 « Illuminae essas fontes,
 « Que banham relvosos prados ;
 « Aos meus jasmins definhados

« Dae uma tez mais brilhante,
« Astro rei, sol dardejante.

« Erãr tãr lindos, mimosos,
« Tãr alvos e vaporosos
« E murcharam de tristura ;
« Dã-lhes mais vida e candura,
« Maios olencia inebriante,
« Astro rei, sol dardejante.

« Este infeliz jasmineiro
« E' o symbolo verdadeiro
« Da minha pobre existencia,
« Sem mais viço, nem essencia,
« E' o meu amor constante;
« Astro rei, sol dardejante ! »

Callou-se a visãr ; olhou-me sorrindo ;
De amor enlevado os braçoal alcei ;
Quiz vêr se a prendia, poreml s'esvahindo,
Tristonho, saudoso, entãr acordei.

Muito embora, anjo ou mulher,
Nãr passes de uma ficção,
Aos jasmins que estremeceste,
Darei culto — adoraçãr !



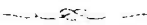
O MARCO DA SAUDADE

Além, além n'um cerro alcantilado
 Sempre seguido de argentinas aguas
 Onde o campo florente, avelludado,
 Aos céos confia suspirosas magoas,
 E' lá que dorme o bardo malfadado,
 Tendo por leito as escabrosas fraguas ;
 Nem o somno lhe acorda da desgraça
 A tempestade que rugindo passa.

Quando as aves gorgeliam de tristeza,
 De accordes povoando a soledade,
 E de negro se veste a natureza
 Em trevas sepultando a claridade,
 Solluça na folhagem da deveza
 Em que campeia o *Marco da Saudade*,
 Canto pleno de dor e sentimento
 Como da morte o ultimo lamento.

Na lage tosca apenas se divisa
 Contradicto pensar do trovador
 Que um idyllo de dores symbolisa !
 A Idéa fatal *Odio* ou *amor* !
 Reluzindo de perolas que a brisa
 Dos seios colhe de crastino albôr,
 Grande poema encerra de amargura
 Talvez frustrados sonhos de ventura !

O bardo que alli jaz como Ossian
A lyra modulou sob os cyprestes,
A' cuja sombra a infeliz Iran
Com elle estremeceu d'amor celeste;
E quando a nivea bruma da manhã
De argentino scudal a lousa veste
Apenas nesse emblema mortuario,
Pousa trinando alvissimo canario!



ADEUS

Il est des souvenirs qui portent dans notre ame
une douce langueur, un charme attendrissant
on ne saurait alors exprimer ce qu'on sent.

(DEMOUSTIER)

Transfigurando o rosto pela calma,
Quando tremendo te apertei a mão,
Nesse tristissimo adeus ficou a alma
 Transida de afflicção.

Adeus ! disse minh'alma peregrina
Com o coração turbado de amargura ;
Adeus ! disse o silencio da campina
 E a serraia escura !

Adeus. adeus, os sinos retiniam
Quando cheguei da solidão ás portas ;
Adeus, ouvi das aves que gemiam
 Tristes e quasi mortas !

O murmurio do rio, a florea olencia,
Da borboleta o adejar constante,
Tudo. tudo recorda-me a auzencia
 De teu olhar amante !

Saudoso e distrahido passo em meio
Da multidão festiva, mudo e triste,
Na propria mente a sós, Celina, leio
 Ninguem a ti resiste !

Se leio nò remanso da tristura
Para furtar-me á dôr da solidão,
Os olhos acompanham a leitura,
A alma a amplidão.

Como póde viver, minha Celina,
Um pobre coração na soledade,
Se orphão de sua alma peregrina
Languescce de saudade?!...



SPHYNGE

Porque me foges peregrina imagem ?
 Porque torturas a minh'alma afflicta ?
 Não vês ? Eu chorø de soffrer-te o odio
 Que mais ardente meu amor incita ?

Porque constante teu olhar furtivo
 Sorprehendo às vezes a fixar-se além ?
 Porque inclinas pensativa a fronte ! ?
 Porque suspiras sem amar ninguem ? !

Porque desvias esses olhos langues
 Dos meus que anceiam se rever nos teus ?
 Porque emudeces quando fallo e peço
 Perdão, desculpa dos caprichos meus ?

Porque recusas ao piano, sphyngue,
 Que volte as folhas do nocturno canto
 Dizendo altiva — « Não lhe dê cuidado,
 « Não se incommode ; não mereço tanto. »

Ou se insisto no almejado intento
 Mordendo os labios a corar-te o rosto,
 Porque murmuras ao voltar-me as costas
 « Sinto viesse a me zangar disposto. »

Depois. deitando-me um olhar daquelles
 Qu'enleiam, matam, infeliz mortal,
 Sorrindo exclamas, m'estendendo a mão :
 — « Não se amofine que não foi por mal. »

DIVINAS CRENÇAS

As aves que trinam, contentes voando
 Ao sol procurando d'um raio o calor ;
 Ai, são mais felizes, mais dinas da vida
 Que a alma banida d'um osculo d'amor.

O cedro vetusto que estende a ramagem
 Sombria passagem deixando ao romeiro
 Tem vida mais util, mais pura e bondosa
 Que as flôres formosas e o euro fagueiro.

A cruz que sombreia a cova do pobre
 E seus restos cobre sem outra inscripção
 Impõe mais respeito, tem mais fidalguia
 Que a lapida fria — mostrando um brasão !

O pobre captivo que geme e soluça
 E a fronte debruça banhada em suor,
 Dos grandes da terra é elle o primeiro.
 O mais verdadeiro de honras credor.

A noite que sella na mente a imagem
 Que em leda miragem nos torna amoroso,
 Tem mais attractivos, e mais harmonia
 Que o gazil dia perdido n'um goço.

Os cantos suaves, nos claustros erguidos
 Por labios ungidos das virgens de Deus,
 São d'anjos celêstes, remindo contentes,
 As almas dementes dos impios atheus !

REMEMBER

As aves trinam, a criação se agita
De amor palpita o coração amante,
Eu só no mundo suportando a vida
Vendo-a perdida n'um scismar constante.

Se amor é raio luminoso e santo
Banhado em pranto de celeste olhar,
Ai, Deus, eu tenho desse amôr sentido
E padecido n'um fremente amar.

Mesmo captiva, se me fosse dado
Lugar ao lado desses ferreos élos,
Na vil masmorra preçuroso entrara,
Alli beijara os meus grilhões tão bellos !

Martyr, confesso, profanei as aras
Que tu sagraras de saudosos prantos ;
Possa o castigo que meu ser devora,
Rasgar-me a aurora dos amores santos !

ANCHIETA

OU O EVANGELHO NAS SELVAS

Á FAGUNDES VARELLA

Foi tão feliz o bardo americano
Na santa inspiração do seu trabalho,
Premicia que o Senhor concede aos genios,
Que nelle se reflecte a diva imagem
Do portentoso e magistral poema,
Que só Jesus dos seus angelicos labios
Levantou ao passar na terra ingrata,
No grato coração do apostolado !
Podes dizer como Camões e Tasso
Ha de attingir meu nome luminoso
A's mais remotas plagas do universo,
Como o Evangelho que cantei de Christo.

SYLPHO

A JOAQUIM JOSÉ RODRIGUES TORRES JUNIOR

Como dos alvos lyrios se dilatam
Em suaves effluvios os perfumes ;
E das fulgidas estrellas peregrinas
Os paramos illuminam-se de lumes ;

Assim dessa boquinha delicada
Se desprende o favonio vaporoso,
Que nas azas subtis da viração
Causa na terra um hymno harmonioso.

De luz do céo — se banham esses olhos,
Fonte perenne de celeste amôr,
Ah ! nunca brotem delles os carymbos
Que á sombra nascem de cruenta dôr.

Seja-te a vida um eternal sorriso,
De goso pleno e de suave enleio ;
Das garras do martyrio e da saudade
Deus te defenda o setinoso seio.

A ACTUALIDADE
A HYLARIO NOGUEIRA FRANCO

Ah ! meu caro Nogueira, o mundo injusto e vario
 Ama o rico vilão, moteja do operario ;
 Adora genuflexo a torpe messalina
 E lança olhares lobregos á virginal menina !
 A honra, o brio e o não vulgar talento
 Morrem n'um pardieiro, á mingua d'alimento
 Emquanto o vil devasso—o nobre preguiçoso
 Gosam de fôfa cama e preto respeitoso
 Tem o crime um altar, milhões de adoradores
 E a santa virtude, oh ! Deos ! perseguidores !
 Tal é, oh ! meu amigo, a recompensa ingrata,
 Que o mundo reservou a quem do bem só trata !
 E se tu duvidares de tanta impuridade
 Que surge ainda hoje ao sol da liberdade
 O Povoá que responda, pois sendo litterat
 Deve saber que tudo é realmente exacto ;
 Elle que negue, negue a vil devassidão
 Que vê-se campeando a par da corrupção ;
 Impostos pessoaes em tempos de bonança
 Traduzem a filaucia da nossa governança !
 Enormes privilegios, empregos mui rendosos
 Concedem os governos aos lorpas poderosos ;
 Emquanto o proletario com uma ninharia
 E' forçado ao labor de noite ou todo o dia !
 Emquanto o usurario sentado, em indolencia,
 Furta-se a soccorrer á misera indigencia ;
 O pobre, o mesto artista, cançado do labôr,
 Mal se alimenta e pousa a fronte de suor !
 Se isto é liberdade, é lei, é harmonia,
 Onde está do futuro a nossa garantia ?

MORTA !...

AO VENERANDO JOSÉ MARIA DO AMARAL

Minh'alma é presa de cruel saudade,
 E sonhos luctulentos,
 Em vida já me sinto inanimado,
 Sou do mundo o maior desventurado,
 Por tantos soffrimentos !

Na solidão do meu solar á noite
 Revolvo-me no leito,
 E na mente se aviva enlanguecida,
 A miragem que alenta-me na vida,
 Que a si me traz sujeito !

E não poder ouvir o som argenteo
 Da sua voz celeste ;
 Ter de chorar mil lagrymas de sangue,
 Suspiros dar em vão, cahir exangue
 Ah ! que sina me deste !

Porque te atravessaste em meu caminho,
 Anjo, mulher, visão ;
 Porque em teu olhar illuminado,
 Prendeste o meu de amor distanciado,
 Sem dó, sem compaixão !


Ai, sinto que esse amor invulnéravel
 Me tem de ser fatal,
 Emquanto folga e ri a natureza
 Esta alma se prantêa n'aspereza
 De uma dôr sem rival.

Ai, felizes que são os vagalumes
Líves vivem no espaço,
Só eu captivo de paixão fremente,
Sou como o inditoso padecente,
Contando a vida a passo.

Ai, felizes que são as avesinhas
Trinando descuidosas,
Só minha sorte é de negror coberta,
Só minh'alma de amor tatêa incerta,
Nas trevas pavorosas !

Pallida e triste expirando a luz s'extingu
Ao ultimo clarão,
Assim eu desta vida arrebatado,
Légo á Célina o ultimo cuidado
De turbida affeição !

Morta ! diz-me o mormurio da floresta
Com extranho fragor !
Morta ! me diz o mar, o raio, o vento,
Morta ! repete o sino em vão lamento,
Morta ! morta ! de amor !



INDICE

	PAGS.
Prologo de Fagundes Varella.....	I
Carta do Dr. Carlos Frederico Marques Perdigão.....	IX
Carta de Francisco Travassos Valdez.....	XI
Dedicatoria.....	XII
Alcaçar.....	1
Amor que mata.....	6
As creanças.....	7
Meditação.....	8
Lyras.....	9
Lamentações.....	11
Pobre de bens.....	13
Trevas e luz.....	15
Celina.....	18
A mulher ideal.....	20
Gottas de luz.....	22
Ondina.....	23
Saudades.....	25
O operario.....	27
Lyrio e rosa.....	30
O precito.....	32
Ser e não ser.....	33
A' José Bonifacio.....	31
Diva.....	35
Carta de apresentação.....	36
Tributo de admiração.....	38
Redempção.....	41
Osorio.....	45
Vesper.....	47
Jovita.....	49
Vergiss mein nicht.....	50
A vida humana.....	51
A estatua bifronte.....	52
Toujours.....	55

	PAGS.
Miragem.....	57
Amo-te.....	58
N'um album.....	59
O conselho infernal.....	60
Consolação	61
Innominata speme	63
Ao general Camara:.....	64
Crença e descrença.....	66
A idéa.....	68
A borboleta.....	70
O jasmineiro fanado.....	71
O marco da saudade.....	73
Adeus.....	75
Sphinge.....	77
Divinas crenças.....	78
Remember.....	79
Anchieta.....	80
Sylpho.....	81
Actualidade.....	82
Morta!.....	83







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).